



Para lembrar nº 3

Clínica-Escola com Jorge Forbes

Março/abril/maio 2010

- Uma análise começa quando o analisando se implica.
- O paciente chega com uma queixa; o analista transforma essa queixa numa queixa analítica através de suas intervenções.
- O analista age pelo equívoco e pela surpresa, não pelo confronto. O confronto é o “clinch” do boxe. A intervenção via surpresa ou via equívoco, desloca o paciente.
- Na retificação subjetiva o agente é o analisando; ele se responsabiliza e sai da queixa.
- A segunda clínica de Lacan anda a 300 km/hora. O analista iniciante deve ser cauteloso para andar nessa velocidade, ter cuidado com os equívocos.
- A psicanálise não tem protocolos de sentimentos. A psicanálise lida com a singularidade.
- O discurso do médico é o discurso do mestre: engessa o paciente. O analista quer a radical diferença. (JF lembra o último parágrafo do Seminário XI de Lacan):

O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque é fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver.

- A neurose é uma mentira: tanto a histeria quanto a obsessão levam à harmonia com o mundo. O duro é você suportar alguma coisa fora da lei, o que é excêntrico.
- A ética maior da psicanálise é não ceder em seu desejo, o que significa: não se conformar frente às respostas prontas. Toda queixa é narcísica.
- Instalar-se na ética do desejo é sair da moral dos costumes e entrar em outra cena.
- O avesso da psicanálise: retomar Freud por aquilo que excede o princípio da realidade.
- O sintoma é excêntrico – é o que singulariza cada um.
- O mecanismo lógico do homem é o olhar do Outro.
- “Associação livre” é associação livre da moral dos costumes. A liberdade não é para quem quer, mas para quem pode; quem pode é o psicótico.
- Lacan diz que o analista dirige o trabalho do analisando; ele não trata o analisando. O analisando trabalha, e a presença do analista é o que possibilita esse trabalho.

- JF lembra a história de “Os três mosqueteiros” de Alexandre Dumas e faz uma relação com a análise: a idéia da análise é retirar a pessoa da posição burguesa e colocá-la na posição aristocrática.
- Um discurso sem palavras: a análise não se define pelo que se fala, mas desde onde se fala. Se alguém fala desde a posição de analista, isso tem um efeito analítico independente do que se fala. O local, a posição, é pré-existente à fala.
- Não existe: “Nunca diga isso ao paciente” ou “sempre diga isso”. Não existe uma régua analítica, mas sim, efeitos do que o analista diz. Ou seja, não vale o enunciado, e sim, a enunciação.
- Uma psicoterapia trabalha a novela (a desgraça) do paciente. Nesse caso não há análise, não há mudança na posição de gozo do paciente.
- O paciente acredita na sua história, no determinismo, mas o analista não pode acreditar nisso. O analista tem formas de balançar essas certezas.
- O sofrimento do passado é uma justificativa do medo do futuro.
- O analisando olha para o analista como um mestre; o analista tem que sair dessa posição e ir para a posição de analista.
- As pessoas vão ao médico para que ele retire a sua dor. Elas esperam a mesma solidariedade do analista. Quando este diz “não entendo”, o analista sai da expectativa do analisando.
- Ao não responder à expectativa do analisando, o analista não potencializa o conhecimento. Ele mostra o caminho do impossível.
- O analista é *i-humano* (ou *i-mundo*, onde *i* = raiz de -1, um número imaginário). Ele trabalha no disparate, fora do par.
- O analista é aquele capaz de ocupar o lugar do *i*, o número imaginário.
- O analista é imaginário, não pode ser provado.
- Se o analista coloca o analisando no confronto, este foge e volta para o tamponamento da angústia. Nesse caso, o analista devolve o sintoma para o analisando. Sair disso é ir para o equívoco, para o inesperado. (JF cita o primeiro parágrafo do Seminário I de Lacan):

O mestre interrompe o silêncio com qualquer coisa, um sarcasmo, um pontapé.

Leituras citadas / recomendadas nessas aulas clínicas:

- Construções em análise (Freud, 1937/1969 : Imago - Vol. XXIII)
- O estranho (Freud, 1919/1969: Imago – Vol. XVII)
- O inquietante (Freud, 1919/2010: Cia das Letras – Vol. 14)
- Fixões (Forbes , 1989 – Texto apresentado nas 14as Jornadas de Psicanálise: Desejo ou Gozo - Biblioteca Freudiana Brasileira; São Paulo, <http://migre.me/M3SC>)

- Você está em análise? (Forbes – Revista Psique, nº 51, março 2010, <http://migre.me/M2xz>)
- Não tenho a menor idéia (Forbes – Conferência de Jorge Forbes apresentada no VIII CONGRESSO da EBP - ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE: “O ANALISTA E OS SEMBLANTES” - Florianópolis, 3 e 4 de abril de 2009, <http://migre.me/M39y>).
- Ser analista (Forbes – Colóquio “Psicanálise: identidade e diferenças”, 1990, <http://migre.me/M3LL>)
- Emprestando consequência (Forbes – texto do livro "Você quer o que deseja?", 2003, <http://migre.me/M3NS>)
- De nossos antecedentes (Lacan, 1966/1998: Escritos)
- O aturdido (Lacan, 1972/2003: Outros Escritos)
- O mito individual do neurótico (Lacan, 1953)
- Os escritos técnicos de Freud (Lacan, 1953-1954/1986: Seminário I)
- Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (Lacan, 1964/1988: Seminário XI)
- O avesso da psicanálise (Lacan, 1969-1970/1992: Seminário XVII)

Sinopse de Teresa Genesisini